

GT1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

ISSN 2177-3688

CONCEPÇÕES DE GINZBURG: CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

GINZBURG'S CONCEPTS: POSSIBLE CONTRIBUTIONS TO INFORMATION SCIENCE

Callu Ribeiro Ferreira Pedreira e Andrade Bamberg – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Luciane Paula Vital - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Tem como objetivo apresentar contribuições possíveis de Carlo Ginzburg para a Ciência da Informação. Por meio de revisão teórica da bibliografia de Ginzburg, identifica conceitos com o potencial de contribuir com a área, na dimensão teórica, ou nos procedimentos metodológicos de coletas de dados, são eles: circularidade cultural, paradigma indiciário e falácia da neutralidade. Proporciona contribuições ao campo, pois Ginzburg não é um autor frequentemente utilizado pelos autores da CI brasileira, e quando utilizado, o paradigma indiciário se observa como foco. Ao utilizar diferentes conceitos do autor, abre novos horizontes, olhares e possibilidades para aprofundar discussões da área.

Palavras-chave: Carlo Ginzburg; paradigma indiciário; circularidade cultural; falácia da neutralidade; Ciência da Informação.

Abstract: The aim is to present possible contributions of Carlo Ginzburg to Information Science. Through a theoretical review of Ginzburg's literature, it identifies concepts with the potential to contribute to the field, either in the theoretical dimension or in the methodological procedures of data collection. These concepts include cultural circularity, the indicative paradigm, and the fallacy of neutrality. It provides contributions to the field as Ginzburg is not commonly used by Brazilian Information Science authors, and when used, the indicative paradigm is usually the focus. By utilizing different concepts from the author, it opens new horizons, perspectives, and possibilities to deepen discussions in the field.

Keywords: Carlo Ginzburg; evidential paradigm; cultural circularity; fallacy of neutrality; Information Science.

1 INTRODUÇÃO

Carlo Ginzburg é um historiador italiano nascido em Turim, em 1939, de uma família de judeus intelectuais. Filho de um professor de literatura russa perseguido pelo regime fascista e de uma romancista, e neto de um histologista, Ginzburg especializou-se na análise de processos da Inquisição durante os séculos XVI e XVII (GINZBURG, 1990). Autor de diversas obras traduzidas no Brasil, Ginzburg é apontado como um dos responsáveis pelo

surgimento da micro-história¹, especialmente devido à publicação do livro *O queijo e os vermes*, em 1987, e pela coleção dirigida, em coautoria com Giovanni Levi, *Microstorie*. O autor é adepto principalmente da escrita de ensaios, nos quais costuma tecer referências a diversos assuntos, a princípio desconexos, mas que geram influências sobre o assunto a ser aprofundado microscopicamente. Além disso, seus escritos costumam contar com uma dimensão autorreflexiva.

O presente estudo é de cunho teórico e tem por objetivo identificar conceitos de Carlo Ginzburg com o potencial de contribuir com as pesquisas desenvolvidas na Ciência da Informação (CI). Observou-se que diferentes conceitos do autor poderiam contribuir para estudos da área, tanto na dimensão teórica, quanto metodológica, incluindo a coleta de dados, de diferentes fontes, como bibliográfica, documental ou entrevista.² Por meio de revisão teórica da bibliografia do autor, trava-se um diálogo a partir de seus conceitos de - circularidade cultural - a interpenetração dos valores culturais de uma classe social em outra - do paradigma indiciário - abordagem trans e interdisciplinar que possibilita inquirir sobre o objeto por meio de indícios, sintomas e sinais e da - falácia da neutralidade - contaminações presentes em documentos provenientes da História Oral, a partir das interpretações de seu interlocutor.

2 USOS DE GINZBURG NA CI BRASILEIRA: BREVE PANORAMA

O paradigma indiciário é o conceito concebido por Carlo Ginzburg mais difundido, e desde a virada do milênio tem sido utilizado esporadicamente em estudos na área da CI brasileira, seja como suporte teórico ou metodológico. A CI é um campo interdisciplinar e, por isso, tem potencial para dialogar com diferentes áreas do conhecimento, como o campo da História Cultural e a micro-história. Os primeiros estudos que abordam com maior profundidade o indiciarismo ginzburguiano são de autoria de Isa Maria Freire (2003, 2004), que publica sozinha ou em coautoria com Freire e Araújo (2001). Todos os textos apresentam um diálogo de Ginzburg com o modelo de rede conceitual de Wersig e indicam o paradigma indiciário como uma abordagem epistemológica para a CI. Freire e Araújo

¹ Giovanni Levi (1992, p. 154), descreve a micro-história, como: “A abordagem da micro-história dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de vários indícios, sinais e sintomas”.

² O presente estudo constitui-se como um recorte da tese de doutorado em Ciência da Informação (CI) da primeira autora, onde os conceitos de Ginzburg elencados são utilizados para a investigação acerca de legislação de bibliotecas escolares em Santa Catarina.

(2001), a partir da analogia de um tear, propõem uma “urdidura conceitual” onde os cientistas da informação podem tecer suas abordagens sobre a questão da informação, em especial em relação à interdisciplinaridade desta,

Ginzburg compara os fios que compõem uma pesquisa desenvolvida sob o paradigma indiciário aos fios de um tapete. Colocados os conceitos básicos e definido o campo onde se realiza a investigação, enfim, reunidos os indícios ou pistas do objeto de estudo, a visão do observador verá tomar forma uma "trama densa e homogênea" que será tecida no tear do quadro de referência teórico. [...] O tapete é o paradigma que, a cada vez que é usado e conforme o contexto, denomina-se venatório, divinatório, indiciário ou semiótico (FREIRE; ARAÚJO, 2001, p. 5).

Para as autoras, “o método dos indícios pode se constituir num dos fios do urdimento dos tapetes tecidos no tear interdisciplinar da ciência da informação” (FREIRE; ARAÚJO, 2001, p. 6). Freire e Araújo (2001) também ressaltam uma característica do paradigma indiciário, o seu rigor flexível. Freire (2003) parte da mesma elucidação de um tear conceitual para discutir ciência e ética na comunicação científica. Em outro momento, Freire (2004) também utiliza o tear conceitual com a finalidade de discutir a responsabilidade social da CI e para a identificação de indícios de teorias socialistas em teóricos clássicos do campo.

Freitas e Gomes (2004) discutem a relação entre os profissionais da informação e a memória social, enfatizando novas funções político-culturais de bibliotecários, arquivistas, documentalistas e cientistas da informação. Apresentando um rico debate acerca das relações de poder envolvidas na informação registrada, as autoras afirmam que “a História é administração do passado, de seu sentido, interpretação. Não é por acaso que as “sociedades históricas” são sociedades do registro escrito” (FREITAS; GOMES, 2004, p. 6). Dialogando com a História Cultural, Freitas e Gomes (2004) pontuam a retórica da ideia de “autoridade” do “documento”, uma vez que a origem histórica dos registros formais está intrinsecamente ligada a restritos grupos sociais. Em contraponto,

os setores sociais deixados de fora nos processos de institucionalização da cultura, outro subproduto da luta pela memória social, vinham predominantemente seguindo os caminhos da memória na preservação de sua cultura e de suas lutas: a oralidade e a informalidade (FREITAS; GOMES, 2004, p. 6).

As autoras não relacionam a problemática tratada diretamente ao paradigma indiciário, porém, utilizam o conceito de circularidade apresentado por Ginzburg (1987) em *O queijo e os vermes*, obra em que o autor estuda documentos da Inquisição por meio da figura de um moleiro do século XVI. Tal conceito demonstra que as fontes, tanto das classes

dominantes como das subalternas, podem conter elementos uma da outra, porém, a documentação em relação à cultura popular é quase sempre indireta, uma vez que costuma sofrer influências da cultura dominante, que tende a produzir registros. O profissional da informação está no centro deste debate, pois “recolhem o material relativo à memória dos grupos, das coletividades, organizam e disponibilizam este material, ou seja, os rastros escritos, falados ou impressos deixados por tais segmentos” (FREITAS; GOMES, 2004, p. 8). Por fim, as autoras afirmam que são necessárias mudanças na formação ético-política do profissional da informação, visando o trabalho com a memória histórica e listam pontos de aprofundamento almejados na formação acadêmica das profissões que lidam com a informação.

Araújo (2006) propõe uma base teórica e metodológica para uma epistemologia da Ciência da Informação a partir de duas perspectivas, sendo uma delas o paradigma indiciário de Ginzburg (1989), como um novo olhar epistemológico que “possa buscar através do mesmo uma nova forma de nos olhar e de olhar e perceber a realidade” (ARAÚJO, 2006, p. 11), em especial por meio da intuição:

Essa intuição está arraigada nos sentidos e é difundida no mundo todo, sem limites geográficos, históricos, étnicos, sexuais ou de classe – é parte integrante do gênero humano e, nesse sentido, está muito distante de qualquer forma de privilégio social. Talvez por sua origem enraizada na fronteira indefinível entre natureza e cultura, o paradigma indiciário possa se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia, que cada vez mais obscurece uma estrutura social. Pois se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.

Araújo (2006) reforça a possibilidade de adoção de uma outra base epistemológica para a Ciência da Informação e enxerga o paradigma indiciário como “uma ferramenta preciosa que nos remete à cultura humana e nos faz retornar mais completos para a tarefa de interpretar e responder às questões colocadas pelo objeto/questões de estudo, que em sua essência é totalmente humano” (ARAÚJO, 2006: 13).

A tese de Costa (2017) debate os desafios da educação inclusiva na sociedade da informação. Em relação ao paradigma indiciário, a autora justifica a abordagem por conta da interdisciplinaridade entre as áreas da Ciência da Informação e da Educação utilizadas em seu estudo. Compreende, assim, que o paradigma indiciário “é, sobretudo, uma proposta dialógica, transdisciplinar (na busca por respostas em outras áreas) e interdisciplinar (nas possibilidades de interlocução que expressa), que permite trânsito entre áreas do

conhecimento sem melindres de posses” (COSTA, 2017, p. 93). Costa (2017) é pioneira ao apresentar diretrizes para a aplicação do paradigma indiciário como método a partir de esquematizações com indicações para aplicação, percurso de pesquisa, definição do que seria um indício no âmbito da pesquisa e caracterização, o que foi definido como prática detetivesca para o estudo.

3 CONCEITOS DE GINZBURG: CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS PARA A CI

Neste tópico será apresentada a revisão teórico-científica realizada a partir do estudo da bibliografia de Carlo Ginzburg e apresentados os conceitos onde foram identificados potenciais contribuições para o campo da Ciência da Informação.

3.1 A circularidade cultural

Dentre as contribuições de Ginzburg para a História Cultural, Souza (1999) destaca a ampliação do conceito de cultura popular a partir da discussão sobre a circularidade cultural. No prefácio à edição italiana de *O queijo e os vermes*, Ginzburg (1987) apresenta o conceito de circularidade cultural, que seria a interpenetração de elementos culturais produzidos por uma determinada classe social no conjunto de crenças, valores e atitudes de outra classe (SOUZA, 1999, p. 108). O conceito de circularidade problematiza que, assim como em uma fonte da classe dominante pode haver elementos das classes populares, também o contrário pode ocorrer: os produtos sociais circulam, permitindo, então, uma fértil relação entre cultura erudita e cultura popular. Em relação ao conceito de circularidade e o problema da documentação, o autor afirma que “é bem mais frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante. Mas precisar os modos e os tempos dessa influência, significa enfrentar o problema posto pela documentação, que no caso da cultura popular é quase sempre indireta” (GINZBURG, 1987, p. 27).

As indagações de Ginzburg (1987) têm raízes na escassez documental das classes subalternas do período renascentista por ele investigado. Além da escassez, soma-se a problemática das fontes serem produzidas por indivíduos pertencentes à cultura dominante; como coloca o autor, “os termos do problema mudam de forma radical ante a proposta de estudar não a 'cultura produzida pelas classes populares, e sim a 'cultura imposta às classes populares” (GINZBURG, 1987, p. 17).

Com o moleiro Menocchio³, em *O queijo e os vermes*, Ginzburg (1987) demonstra que as ideias das classes dominantes podem ser apropriadas e passam por um processo de filtragem na cultura popular. Esse estudo salienta a interpenetração dos elementos culturais no conceito de circularidade e não somente a imposição de saberes de uma classe social sobre a outra.

3.2 O paradigma indiciário

O conceito de paradigma indiciário, é apresentado na obra *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*, de Carlo Ginzburg (1989). A partir de uma reflexão sobre a análise “de perto, do tipo microscópico” (GINZBURG, 1989, p. 10), que o autor reconhece já estar presente em seus estudos anteriores, Ginzburg (1989) apresenta o capítulo *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, onde vai se aprofundar no modelo epistemológico que, “[...] por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas, ao qual até agora não se prestou suficiente atenção” (GINZBURG, 1989, p. 143).

Partindo do “método morelliano”, o autor descreve uma série de artigos e críticas sobre a pintura italiana, publicados entre 1874 e 1876 pelo médico Morelli, que desenvolvia uma maneira de identificar as autorias artísticas de pinturas. Para tal, ao invés de focar a observação nos traços mais óbvios e tradicionais dos artistas, Morelli buscava “[...] examinar os pormenores negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989: 144).

É através de um diálogo traçado por Ginzburg (1989) entre diferentes áreas do conhecimento, passando pelas Artes Plásticas, Medicina, Literatura, Psicologia, que vai propor este método para a Historiografia. Fica clara a proposta dialógica da abordagem, de natureza trans e interdisciplinar, uma vez que se apoia nas demais áreas para respostas e possibilita diálogo com diferentes áreas do conhecimento.

³ Ginzburg (1987) estuda a Inquisição na figura de um humilde moleiro do século XVI e a partir da farta documentação do processo inquisitório de Menocchio, remonta a identidade e história do longínquo moleiro com riqueza de detalhes, abrangendo sua estrutura familiar, residência, profissão, lugar social que ocupa em sua comunidade, e, em especial, sua erudição. Menocchio sabia “ler, escrever e somar” (Ginzburg, 1987: 92), para além disso, não era um leitor passivo, pois construiu seu *corpus* de ideias, em especial em relação à origem e condição humana, questionando o saber imposto pela Igreja. Ginzburg (1987) atribui à Reforma e à imprensa elementos chave na construção do pensamento do personagem, e acredita que Menocchio colocava um filtro entre a tradição oral popular e a palavra escrita.

Retomando a explicação acerca do conceito postulado por Ginzburg, ao considerar dado passível de interpretação aquilo que era tido como secundário e menor, o paradigma indiciário indica ser preciso observar os pormenores, aquilo que se situa nas margens, as pistas e os indícios: “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152). Além disso, nos apresenta um entrelaçado de campos e disciplinas, indo e voltando numa linha do tempo, que perpassa uma gama diversa de temáticas. Essa pluralidade presente no paradigma indiciário recebe a analogia de um tapete e seus fios:

Poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. Chegados a este ponto, vemo-los a compor-se numa trama densa e homogênea. A coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete com os olhos em várias direções" [...]. O tapete é o paradigma que chamamos a cada vez, conforme os contextos, de venatório, divinatório, indiciário ou semiótico. Trata-se, como é claro, de adjetivos não-sinônimos, que, no entanto, remetem a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave (GINZBURG, 1989, p. 170).

Ginzburg (1989, p. 178) finaliza o capítulo em que apresenta o modelo epistemológico do paradigma indiciário com a seguinte questão: “pode um paradigma indiciário ser rigoroso?”. O autor reprova a desconsideração pelo individual e a preferência pelo quantitativo, que parte da premissa que esse modelo garantiria conhecimento científico rigoroso, ao contrário da investigação de eventos singulares. Para Ginzburg (1989, p. 178) “este tipo de rigor é não só inatingível como também indesejável para as formas de saber mais ligadas à experiência cotidiana – ou, mais precisamente, a todas as situações em que a unicidade e o caráter insubstituível dos dados são, aos olhos das pessoas envolvidas, decisivos”. Para tal, o emprego do paradigma indiciário se torna ineliminável quando se adote um rigor flexível, uma vez que “trata-se de formas de saber tendencialmente mudas – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1989, p. 179).

3.3 A falácia da neutralidade

No ensaio *O Inquisidor como Antropólogo*, Ginzburg (1991) desenha uma analogia entre o trabalho de campo do antropólogo e a documentação escrita, produzida pelos inquisidores a partir de relatos orais. Ginzburg (1991, p. 13) vai se debruçar sobre a questão do conceito da prova: "a obtenção da informação parece crucial neste contexto. Os historiadores das sociedades do passado não podem produzir as suas fontes como fazem os antropólogos. Fichas de arquivo, vistas deste ângulo, não podem substituir os gravadores". O autor aponta a característica dialógica de ambas as fontes, sendo tal estrutura dialógica explicitada em "como nas séries de questões e respostas que pontuam tanto um processo inquisitorial quanto uma transcrição de conversas entre um antropólogo e seu informante" ou de forma implícita - "como em anotações de pesquisa etnográfica de campo descrevendo um ritual, um mito, um instrumento" (GINZBURG, 1991, p. 14). Neste trabalho o autor também se aprofunda na questão da falácia da neutralidade, ao esclarecer que "não há textos neutros, mesmo um inventário notarial implica num código, que devemos decifrar" (GINZBURG, 1991, p. 17). Isto é, a neutralidade de um texto é um mito e é necessária uma consciência textual das contaminações presentes num documento. Sobre este estudo de Ginzburg, Gallian (1992, p. 98) complementa:

Como coloca Ginzburg, o ceticismo refinado que tem inspirado a rejeição da assim chamada 'falácia referência' parece uma perigosa armadilha. É certo que se deve desmistificar o conceito de neutralidade, porém não eliminar a dimensão da realidade e da objetividade. A interpretação das culturas é sempre uma tradução dos códigos do outro para o código cultural e pessoal daquele que escreve - e não pode ser de outra forma. Explicitar-se como autor é, pois, reconciliar-se com a dimensão da objetividade na antropologia.

Gallian (1992) parte do ensaio de Ginzburg (1991) para refletir sobre a História Oral, e a partir da analogia realizada no ensaio, busca refletir se o "historiador oral" se assemelha mais ao antropólogo ou ao inquisidor. No tocante às fontes, o historiador que trabalha com a História Oral, assim como o antropólogo "produz suas próprias fontes, utilizando-se fundamentalmente do gravador. Neste caso, fica evidente que o diálogo entre os dois torna-se não apenas mais procedente, mas, principalmente, mais necessário" (GALLIAN, 1992, p. 95). O autor reforça que, se a "neutralidade da memória" é um mito, também não será neutro o texto que resulta de uma "entrevista retrospectiva", e a partir disso aprofunda-se na contribuição de conceitos da antropologia para a História Oral, em especial a

compreensão que o documento resultante de tal entrevista estará "contaminado" ou "interpretado" por seu interlocutor. Primeiro, porque a interação do pesquisador interage na rememoração e na construção do discurso do narrador no momento da entrevista. Segundo, porque o pesquisador recria a entrevista através da transposição do discurso oral para o escrito. "Neste sentido, ele deve se assumir como verdadeiro co-autor do documento, na medida em que a transposição não se limita apenas em transcrever a palavra dita. Na verdade, ela é um trabalho de reinvenção, de interpretação" (GALLIAN, 1992, p. 101).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um campo interdisciplinar, a CI conta com diversas possibilidades de diálogos. Ao utilizar o historiador Carlo Ginzburg como aporte teórico, integra-se à um grupo de pesquisadores que já veem utilizando com solidez seu principal conceito, o paradigma indiciário, como aporte teórico e metodológico. Tal abordagem abre um leque trans e interdisciplinar que possibilita inquirir sobre o objeto por meio de indícios, sintomas e sinais, e pode contribuir para pesquisadas da CI com diversos objetos, onde o faro aguçado do pesquisador se faz necessário. Observou-se que diferentes conceitos do autor poderiam contribuir para estudos da área, tanto na dimensão teórica, quanto metodológica, se configurando em uma abordagem passível de desenvolvimento quando o objetivo é a minúcia da análise e os aspectos qualitativos são imprescindíveis.

Trazer à tona a utilização dos conceitos de circularidade cultural - a interpenetração dos valores culturais de uma classe social em outra e da falácia da neutralidade, contaminações presentes em documentos dialógicos, a partir das interpretações de seu interlocutor, proporciona contribuições originais ao campo, uma vez que Ginzburg não é um autor frequentemente utilizado pelos autores da CI brasileira, e quando utilizado, o paradigma indiciário se observa como foco. Por fim, ressalta-se as potencialidades que Carlo Ginzburg, através de sua múltipla bibliografia, apresenta para pesquisadores da CI que trabalham com fontes históricas, levantam fontes dialógicas e investigam objetos onde as forças de poder de diferentes grupos atuam.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Por uma ciência formativa e indiciária: proposta epistemológica para a ciência da informação. **Enc. Bibli.** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, v. 11, n. 3, p. 1–14.

COSTA, C. R. **A Competência em Informação (Coinfo) na perspectiva da educação inclusiva**. 2017. 221 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FREIRE, I. M. A responsabilidade social da ciência da informação na perspectiva da consciência possível. **DataGramaZero**, Campinas, v. 5, n. 1, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5519>. Acesso em: 10 maio 2023.

FREIRE, I. M.; ARAUJO, V. M. R. H. Tecendo a rede de Wersig com os indícios de Ginzburg. **DataGramaZero**, Campinas, v. 2, n. 4, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5191>. Acesso em: 11 maio 2023.

FREIRE, I. M. O olhar da consciência possível sobre o campo científico. **Ciência da Informação**, Brasília, v.82, n.1, p. 50-59, jan./ abr. 2003.

FREITAS, L. S. de; GOMES, S. L. R. Quem decide o que é memorável: a memória de setores populares e os profissionais da informação. In: FORO SOCIAL DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO, BIBLIOTECONOMIA. Buenos Aires, 2004. **Anais...**Buenos Aires, 2004.

GALLIAN, D. M. C. O historiador como inquisidor ou como antropólogo? Um Questionamento para os "Historiadores Orais". **R. História**, v. 125, n. 120, p. 93-103, 1992.

GINZBURG, C. História e cultura: Conversa com Carlo Ginzburg. **Estudos Históricos**; Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p254 -263.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. O Inquisidor como Antropólogo. **Rev. Bras. de Hist.** 1(21): 09-20.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GINZBURG, C. O inquisidor como antropólogo. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 1, nº 21, pp. 09-20, set. 1990/fev. 1991.

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SOUZA, A. C. B. A contribuição de Carlo Ginzburg para a nova história cultural. **Saeculum**: [s.l.], p. 101-115, 1999.